

Do pré-escolar à universidade, as raparigas estão a liderar. Têm melhores notas, melhor comportamento e mais empenho. A questão está a preocupar sociólogos e especialistas em educação. E há quem já fale do regresso ao ensino diferenciado. Será que são eles que agora precisam de um emurrãozinho ou vão-se contentar em ficar para trás?

TEXTOS DE **CHRISTIANA MARTINS** E INFOGRAFIAS DE **ANA SERRA**



“Tenho de ir estudar porque amanhã temos teste!”

EDUCAÇÃO
E GÊNERO

O NOVO SEXO FRACO



**“Que seca!
Finalmente vou
para casa jogar
PlayStation”**

H

Há cada vez mais raparigas no sistema de ensino, elas têm melhores notas, licenciam-se em áreas inéditas e são a maioria nos doutoramentos. O debate internacional está aceso. A hora delas chegou e a situação dos rapazes no sistema de ensino está a deixar sociólogos e especialistas em educação preocupados. Queixam-se de que os rapazes estão a ficar para trás, que o modelo de escola em vigor não respeita as suas características e que é preciso ajudá-los. Depois de 150 anos a lutar pela igualdade de género — como quem diz, a batalhar para que as mulheres tivessem idênticos direitos de educação e cidadania —, o ar do tempo é outro. Será que, afinal, são os homens o sexo frágil, e que, no futuro, teremos de criar quotas para os defender da hegemonia feminina?

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico não tem dúvidas sobre as diferentes capacidades cognitivas de rapazes e raparigas: eles são melhores em matemática e elas leem melhor. A OCDE sublinha no relatório sobre a “Igualdade de Género na Educação, Emprego e Empreendedorismo” de 2011, que as diferenças de comportamento também existem, reconhecendo, contudo, ser difícil separar o que é inato do que decorre da aprendizagem e repetição de estereótipos. Mas os factos têm muita força: “Em média, as raparigas têm melhores notas e ultrapassam em número os rapazes nas licenciaturas.”

As mulheres vão para os cursos de humanidades e de saúde (71%, segundo a OCDE) e os homens para as licenciaturas de matemáticas e engenharias (75%). “O género

"NA HORA DE DECIDIR A ENTRADA NA UNIVERSIDADE, TEMOS UMA COMPETIÇÃO ENTRE 'MULHERES' E PUTOS", DIZ O PEDIATRA MÁRIO CORDEIRO

26

é um determinante significativo na escolha do campo de estudo", constata a organização, alertando que as diferenças de gênero têm pesadas consequências nas carreiras e futuras remunerações. Tanto que, sublinha, apenas 12% das mulheres europeias ocupam postos de decisão. A OCDE diz ainda que a igualdade de gênero na participação no sistema educativo foi alcançada na maior parte dos 34 países que analisa. Mas se o acesso igualitário predomina, o tratamento de ambos os sexos pelo sistema educativo gera divergências.

As maiores polémicas acontecem nos países anglo-saxónicos e vêm de trás. Já em 1693, o filósofo John Locke queixava-se das pobres capacidades linguísticas dos rapazes ingleses, quando comparadas com as das raparigas de então. Mas a primeira vez que realmente soaram os alarmes quanto ao tema foi na década de 90 do século passado, tendo sido classificado, em 1996, pelo inspetor de escolas do Reino Unido como "um dos mais perturbantes problemas do sistema educativo".

O "New York Times" publicou este ano um artigo intitulado "Os rapazes estão atrás", citando um estudo sobre o comportamento de 5800 crianças do jardim de infância ao 5º ano em que se verificou que os rapazes receberam notas inferiores ao que os testes revelavam. Porquê? Porque comporta-

vam-se pior, influenciando a decisão dos professores, diz a pesquisa.

Christina Sommers, autora do artigo no "NYT" e do livro "A Guerra Contra os Rapazes", propõe uma mudança do sistema educativo para ajudar os alunos do sexo masculino a ultrapassar as suas dificuldades. Sugere que os Estados Unidos sigam os exemplos de britânicos, canadianos e australianos, que criaram programas para ajudar os rapazes a serem mais organizados e empenhados, através da escolha de textos que lhes despertem maior interesse (ficção científica, fantasia, desporto, espionagem e batalhas), criando mais pausas nos horários escolares, contratando mais professores do sexo masculino e adotando salas separadas por género. No Reino Unido, foi criada a iniciativa "Educando Rapazes", para combater os maus resultados escolares masculinos e uma das medidas foi justamente a possibilidade de separar as salas de aulas conforme o género.

Anne-Marie Slaughter chocou a opinião pública ao publicar um artigo, há um ano, sobre a impossibilidade feminina de conjugar as vidas profissional e familiar de forma satisfatória. Agora, a ex-adjunta de Hillary Clinton, que está a escrever um livro com o título de "Igualdade Real", defendeu a criação de um "movimento masculino" em prol da participação equilibrada deles na divisão de tarefas domésticas e nos cuidados parentais, sem que isso signifique uma estigmatização social dos homens.

PORTUGAL ATENTO

Por cá, não ficamos alheios à tendência internacional. Há muito mais raparigas a completar o secundário (67,8%), com ensino superior (16,9% contra 12,4% dos rapazes) e até nos doutoramentos (55,4% dos doutorados são mulheres). Por outro lado, há mais homens a abandonar o sistema de ensino (27,1% contra 14,3% de mulheres).

O pediatra Mário Cordeiro reconhece que as meninas têm vantagens no atual modelo de ensino. "Elas têm maior capacidade de projetarem-se no futuro, adiar a recompensa, gerem melhor e de forma mais metódica as tarefas, o que faz

com que, comparativamente ao imediatismo e ao 'pensamento básico' dos rapazes e à grande dificuldade deles em se estruturar em termos de organização e responsabilidade, tenham, desde o primeiro ano, uma atitude em sala de aula mais estruturada e assertiva. E, assim, elas têm melhores resultados."

As notas mais altas decorrem também, segundo Mário Cordeiro, "da maior capacidade de atenção e consequente melhor absorção por parte delas do que é dado em aula. Porque os rapazes têm o cérebro do 'caçador-guerreiro', o que faz com que se concentrem num determinado objetivo ou alvo e facilmente se desconcentrem e dispersem, estimulados por outros fenómenos, como barulhos, vozes e até a imaginação e o mundo interior". O pediatra diz que este comportamento é tão mais evidente quanto mais artificial for o ambiente educativo, como "as escolas atuais, colocadas em meios de tipo urbano e não no meio de um campo". Lá, segundo Mário Cordeiro, eles "perdem o fio à meada e ou desistem de seguir a aula e refugiam-se no mundo interior ou começam a desinquietar os colegas porque o professor se tornou uma seca". O modelo de testes de múltipla escolha também não favorece a forma masculina de raciocinar. "Estas avaliações são desenhadas para o cérebro feminino, capaz de entender a pergunta e cotejá-la com as respostas, sem perder de vista nenhuma, enquanto o rapaz lê uma pergunta e, à medida que vai vendo as possibilidades de resposta, pode trocar o enunciado e não consegue comparar globalmente tão bem diversas hipóteses", explica.

E, "mais tarde, quando começa a 'competição' para a entrada na universidade, é determinante o facto de elas estarem dois anos e meio, em média, mais avançadas que eles em termos de maturidade", afirma Mário Cordeiro, não podendo ser mais claro na avaliação: "Perdoe-me a expressão, mas o que temos é uma competição entre 'mulheres' e putos." Alerta que, sobretudo num contexto de crise, "as escolas têm de estar atentas à questão do género e, se por um lado, os direitos, deveres, autonomia e responsabilidade devem

ser iguais, as pessoas são diferentes e o sistema de ensino/aprendizagem deve ter em conta este aspeto do desenvolvimento da criança".

"Concordo com a ideia de que os rapazes estão a ficar para trás", diz Pedro Strecht, pedopsiquiatra e presidente do conselho diretivo da Casa da Praia. Na sua opinião, a causa é o precoce amadurecimento físico e psicológico das raparigas: "Em geral, elas entram na puberdade entre os 10 e 12 anos, enquanto eles adiam as transformações até aos 12/13 anos."

Explica que a questão biológica "traduz-se numa melhor definição da personalidade das raparigas, o que vai de encontro ao que as escolas do sistema português de



“Estes rapazes não vão longe...”

ensino exigem: capacidade de organização, retenção e memorização da informação. E áreas mais físicas, de criatividade e expressão, em que os rapazes costumam ser muito competentes, são secundarizadas”. Situação que, segundo o pedopsiquiatra, só se agrava com as novas alterações curriculares.

A maioria das queixas de dificuldades escolares e de comportamento vêm de rapazes, levando-os às consultas de saúde mental. A experiência clínica tem mostrado a Strecht que são recorrentes as situações em que os rapazes se queixam de não estar bem na escola: “Porque, dizem eles, têm três a tudo, menos a Educação Física e Educação Visual, mas que estas disciplinas

não contam”. Também as famílias, diz, enfatizam a necessidade de bons resultados a Matemática e Português, com um investimento nestas matérias desproporcional em relação às demais. Pedro Strecht critica também a decisão de reforçar o tempo letivo, em detrimento de espaços informais como o recreio. “Houve uma formatação do ensino que exige maior concentração no trabalho. E 90 minutos de aulas expositivas são excessivos para a capacidade de concentração, sobretudo dos rapazes”, explica.

ELES NUM LADO, ELAS NOUTRO
Já José Morgado, psicólogo educacional e professor do ISPA (Instituto de Ciências Psicológicas, Sociais

e da Vida), acredita que o retorno da discussão sobre o género no sistema educativo visa legitimar a tendência que já se verifica em alguns países anglo-saxónicos do retorno ao ensino diferenciado, com escolas separadas para rapazes e raparigas. “O que está realmente provado é que existem estilos cognitivos diferentes dentro de um mesmo género e que a origem familiar é o maior fator diferencial. Não tenho nada que me leve a acreditar que o género, só por si e sem dúvida, seja um condicionante do sucesso escolar”, defende. Explica que as diferenças se acentuam com a idade, até porque, “a sociedade pressiona” e, contrário ao sistema de quotas ou a outros mecanismos administrati-

vos de apoio, sublinha que não se pode isolar a diferença. Para perguntar: “Deveriam estar separados nas universidades e no trabalho?”

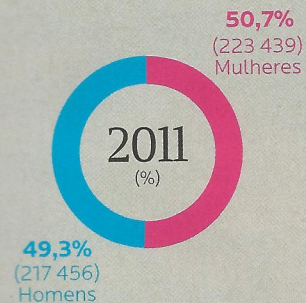
Quando o assunto é diferença de género no sistema educativo é recorrente invocar as escolas de ensino diferenciado. Em Portugal existem quatro colégios religiosos que adotaram esta linha educativa e grande polémica se tem levantado devido à decisão governamental de acabar com a separação de género nos colégios militares. Esta é uma questão controversa, mas o diretor do Liceu Camões, por exemplo, defende que turmas mistas, “sem majorias de qualquer género”, são a melhor solução.

João Jaime concorda que há



POPULAÇÃO COM O ENSINO SECUNDÁRIO COMPLETO

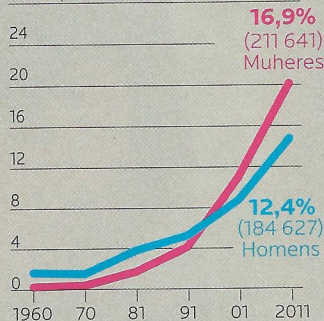
Segundo o Censos de 2011, há mais raparigas a completar o secundário



POPULAÇÃO COM O ENSINO SUPERIOR

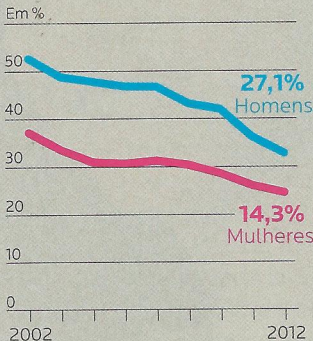
Elas também estão à frente na conquista de um título universitário

Com mais de 20 anos, em percentagem e entre parêntesis o número absoluto



ABANDONO ESCOLAR

São os rapazes, entre os 18 e 24 anos, quem mais desiste do ensino, ficando de fora de qualquer programa de educação/formação



"ELAS SÃO MAIS COMPETITIVAS, ELES MAIS DISTRAÍDOS", MAS PARA O DIRETOR DO LICEU CAMÕES SERIA "UM ATRASO CIVILIZACIONAL" O ENSINO DIFERENCIADO

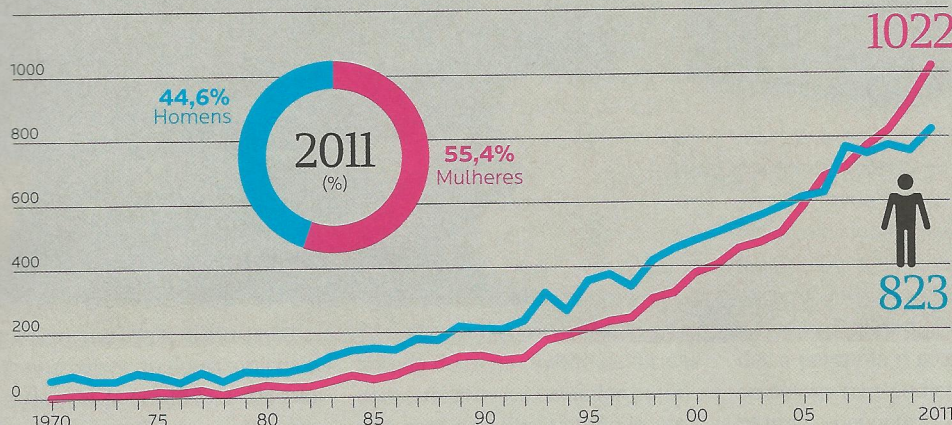


MAIS DOUTORAS DO QUE DOUTORES

As características aproximam rapazes e raparigas, mas elas ultrapassam-nos na conquista dos graus de ensino mais elevados

POPULAÇÃO DOUTORADA

Evolução desde 1970



mais indisciplina nas turmas com mais rapazes, mas afirma que "seria um atraso civilizacional voltar ao ensino diferenciado". Sobre os resultados, diz que as diferenças não são gritantes. "O que a escola tem de ter é condições para apoiar os alunos com dificuldades, de que sexo sejam, impedindo o abandono escolar", que afeta muito mais rapazes que raparigas. E quanto às diferenças de comportamento, o diretor do Camões diz que "elas são muito competitivas, eles mais descontraindo". Para alertar: "A escola ainda é muito conservadora, nos horários, procedimentos, currículos e na disposição da sala de aula. Devia acompanhar o seu tempo."

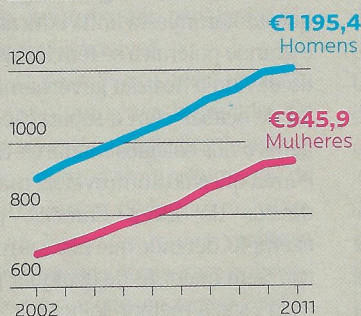
€ TRABALHO E RENDIMENTOS

As mulheres ganham menos e, talvez por isso, estudam mais

GANHO MÉDIO MENSAL POR CONTA DE OUTREM

Os homens continuam a receber salários substancialmente mais altos

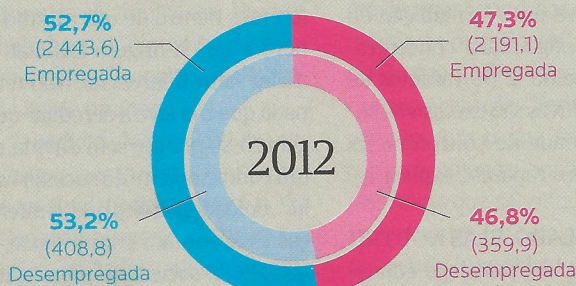
Em euros/média



POPULAÇÃO PORTUGUESA EMPREGADA E DESEMPREGADA À PROCURA DE EMPREGO

Eles revelam maior capacidade para arranjar trabalho

Entre parêntesis em milhares



"ESSE NÃO, SOTÔRA!"

É na sala de aula que as diferenças estudadas pelos especialistas transformam-se em realidade. Diana Pais, professora de Português com experiência no ensino público e privado do 5º ao 12º anos, conta um caso que a marcou. Um aluno do 7º ano tinha de escolher um livro para interpretar e, perante as opções, tardava em decidir, então ela própria acabou por sugerir um título. A resposta foi rápida: "Ó sotôra, mas esse é de raparigas! Não pode ser!" Diana Pais aproveitou para promover a discussão na turma: "Mas existem livros de rapazes e outros de raparigas?" E ouviu a explicação: os deles têm de ter ação, suspense, luta, os delas, estimulam

a fantasia. Como professora de uma disciplina que considera “formativa e estruturante”, esta professora lamenta que o Português fique limitado à questão do género. E ela própria aluna de um estabelecimento do ensino diferenciado até ao 9º ano não tem dúvidas: “Jamais separá-los. Até acredito que haja diferenças de ritmo cognitivo, mas a mais-valia de participar no pequeno laboratório do mundo real, que é a sala de aula, é muito mais importante.”

Durante três meses, em 2006, a socióloga Maria do Mar Pereira comportou-se como uma aluna de uma turma de 8º ano de uma escola em Lisboa. De mochila às costas, ia todos os dias às aulas e partilha-

va os intervalos com os estudantes, passando em média oito horas diárias com eles. Como resultado nasceu “Fazendo Género no Recreio”, um livro sobre as estratégias de afirmação dos rapazes e raparigas em ambiente escolar. O objeto da pesquisa desta professora auxiliar de Sociologia e Estudos de Género na Universidade de Warwick (Reino Unido) era verificar como os conceitos de masculinidade e feminilidade são negociados na interação dos jovens e concluiu que as fronteiras de género são resultado de uma construção diária.

Maria do Mar percebeu que “alguns dos rapazes chegavam a esconder o estudo que faziam em casa e davam respostas incorretas

nos testes para encaixar nos ideais de masculinidade coletivos, porque as normas gerais e os outros rapazes não valorizam os bons resultados dos colegas”. E explica: “A masculinidade e a feminilidade não são realidades biológicas inevitáveis, mas modelos socialmente construídos e reproduzidos através da educação.” E quem não obedece sofre penalizações sociais.

Depois do agudizar das diferenças no secundário, rapazes e raparigas voltam a aproximar-se na universidade, mas é aí que tem causado maior impressão ver as mulheres assumir a dianteira. Palmira Ferreira, professora de Engenharia Eletrotécnica e membro da direção do Instituto Superior Técnico, explica que, naquela casa tipicamente masculina, as raparigas são bem-vindas. A primeira entrou em 1935, mas para poder estudar teve de ser votada pelos rapazes. Esta professora recusa a necessidade de apoiar os alunos do sexo masculino e nega que mais alunas nas salas de aula tenham contribuído para baixar o nível de ensino. Palmira Ferreira sublinha ainda que o facto de existirem mais mulheres nos doutoramentos deve-se ao facto de os homens abandonarem mais cedo a universidade, atendendo aos apelos de altos salários que lhes são oferecidos. Elas, ganhando menos, ficam mais.

Esta interpretação merece a concordância da feminista americana Naomi Wolf. No início deste ano, em entrevista ao Expresso, a controversa escritora tocou no coração do debate: “Será que daqui a várias gerações teremos necessidade de um ‘movimento machista’?” Para responder: “Temos de dar atenção aos rapazes, sem dúvida.” Mas Wolf defende que os estudantes do sexo masculino têm piores resultados, sobretudo nas universidades, porque “quando acabam o curso, independentemente da nota, são eles que recebem melhores salários e chegam ao topo.”

Sofia Marques da Silva, do Centro de Investigação e de Intervenção Educativa da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto, chama a atenção justamente para o facto de o sucesso

“AS RAPARIGAS SAÍRAM DOS SEUS LUGARES DE CONFORTO E AVANÇARAM PARA NOVAS ÁREAS. ELES NÃO”, DIZ A INVESTIGADORA SOFIA MARQUES DA SILVA

educativo das raparigas ainda não se traduzir em escolhas que profissionalmente as beneficiem. Recorda que, se há mais alunas em engenharias, por exemplo, o número de rapazes em áreas tradicionalmente ocupadas por mulheres continua baixo: “Houve por parte delas maior capacidade de sair dos lugares de conforto e avançar para áreas que não eram socialmente pensadas no feminino. O mesmo não se verificou com eles.”

Porquê? “Porque, apesar das mudanças, a socialização de género ainda assenta em estereótipos.” Mas avisa que as diferenças não podem ser vistas de forma isolada, porque o que causa maior desigualdade são as diferenças de classe social, seguidas pelas de etnia e só depois pelas de género. Sofia Marques da Silva alerta para a necessidade de mudar a educação primária dos meninos, mas sem radicalismos: “Estes discursos que reduzem os rapazes a vítimas e as raparigas a um grupo com privilégios tornam a questão mais feroz, pois associam-na a transformações sociais que indicam uma crise da masculinidade. Uma situação de pânico social que se acentua em momentos de crise económica, já que, com empregos escassos, pode haver mais dificuldade em lidar com a perda da figura do ganhador, promovendo pressão para o regresso a papéis tradicionais.”

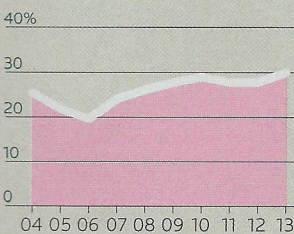
camartins@expresso.imprensa.pt

TÉCNICO CADA VEZ MAIS FEMININO

Sempre foi uma casa de homens, mas isso está a mudar. A cada ano, a estrutura de alunos do Instituto Superior Técnico cresce a um ritmo de mais 2% no número de alunas do sexo feminino e, assim, elas já correspondem a 30% do total (cerca de 11 mil). Este

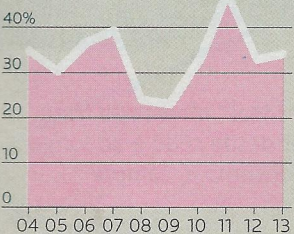
ALUNAS DE LICENCIATURA E MESTRADO

Por ano letivo, em %



ALUNAS DE DOUTORAMENTO

Por ano letivo, em %



FONTE: IST

ano, mesmo o curso de Engenharia Aeroespacial, com 85 vagas e tradicionalmente muito masculino, recebeu 18 novas estudantes. Uma surpresa saudada com satisfação pelos alunos mais velhos, segundo a professora Palmira Ferreira. Universidade historicamente masculina, tornaram-se célebres as referências dos rapazes às estudantes de Química, curso onde sempre houve mais raparigas. As diferenças diluíram-se e, em Química, atualmente, a distribuição de género está equilibrada. Ainda são mais os professores homens, mas já há duas mulheres vice-presidentes do Conselho de Gestão do IST.